

## A RESISTÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO RAP NO CENÁRIO DAS ARTES URBANAS DE APARECIDA DE GOIÂNIA E GOIÂNIA.1984-2020<sup>1</sup>

### THE RESISTANCE AND THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF RAP IN THE SCENARIO OF THE URBAN ARTS OF APARECIDA DE GOIÂNIA AND GOIÂNIA.1984-2020

*Thiago Campos Borges<sup>2</sup>*

*Julio Cesar Borges<sup>3</sup>*

**RESUMO:** A temática deste artigo é a invisibilidade do Rap produzido em Aparecida de Goiânia e Goiânia. Esta pesquisa é baseada em revisão bibliográfica e em entrevistas abertas com atores chaves da cena local. Tem como objetivo identificar quais as limitações o Rap regional enfrenta que não consegue se desenvolver nacionalmente. A análise recaiu a história das cidades, do Rap nelas produzido, com base nos conceitos de coronelismo, identidade, resistência e etc. Foi identificado um confronto entre a identidade predominante nas cidades a identidade conservadora, e a identidade revolucionaria e progressista do Hip-Hop. Logo após aprofundamos na comercialização do Rap, evidenciando as dificuldades e benefícios do mundo digital no comércio e sobre visibilidade tanto *online* quanto presencialmente. Contudo, o que se pode concluir, é que o Rap regional é bem executado em Goiânia e Aparecida de Goiânia, cumprindo seu papel na rua e nas mídias digitais, mas para que os artistas possam viver da arte de fazer músicas do gênero, vão ter que trilhar caminhos distante das terras conservadoras do Oeste.

**Palavras-chave:** Rap. Hip-Hop. Regional. Resistência. Identidade.

**ABSTRACT:** The theme that will be explored in this research is the invisibility of Rap music produced in Aparecida de Goiânia and Goiânia. This research is based on literature review and open interviews with key actors in the local scene. It aims to identify the limitations that regional Rap music faces that cannot develop nationally. The history of the cities, of the Rap music produced in them, was analyzed, based on the concepts of colonelism, identity, resistance and etc. A confrontation was identified between the predominant identity in the cities, the conservative identity, and the revolutionary and progressive identity of Hip-Hop music. Soon after, we went deeper into the commercialization of Rap, showing

---

<sup>1</sup> Baseado no Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e defendido no curso de História do Centro Universitário Alfredo Nasser (Unifan), no segundo semestre de 2020.

<sup>2</sup> Graduado em História no Centro Universitário Alfredo Nasser.

<sup>3</sup> Pesquisador e professor orientador da Unifan, graduado em Ciências Sociais (UFG), mestre e doutor em Antropologia Social (UnB).

the difficulties and benefits of the digital world in commerce and about visibility both online and in person. However, what can be concluded is that regional Rap is well performed in Goiânia and Aparecida de Goiânia, fulfilling its role on the street and in digital media, but for artists to live from the art of making music of the genre, they will have to walk paths away from the conservative lands of the West.

**Keywords:** Rap. Hip-hop. Regional. Resistance. Identity.

**Data de Submissão:** 22. fev. 2021.

**Data de Aprovação:** 11. fev. 2022.

## Introdução

O objeto do estudo aqui em foco é o Rap regional. Decidimos estudar este tema devido à minha participação ativa na cena atual, então executar este projeto é com a intenção de dar uma contribuição para responder a uma incógnita de difícil resposta para muitos goianos: exceto no sertanejo, por que a música feita por artistas regionais não explode nacionalmente ou até internacionalmente? Responder essa questão ou refletir sobre ela, é a trilha que seguiremos a partir de revisão da literatura historiográfica e das ciências sociais, além de entrevistas abertas com sujeitos que fazem essa cena acontecer.

Primeiramente iremos destacar sobre a origem do Rap, para que os mais leigos no assunto se situem. O Rap que teve sua origem nas festas jamaicanas chamadas de: “*Sound Sistem*”, e de lá foram migrando esta forma de apresentação com Mestres de Cerimonias para território estadunidense. Mesclando essa cultura com práticas de cantos falados e de protesto contra principalmente o racismo, assim os negros que faziam esses eventos de cultura negra. Com o passar dos anos o *freestyle* começou a surgir, trazendo rimas improvisadas na hora e com o ritmo do instrumental de fundo, logo chegam os DJ<sup>4</sup> com seus toca discos eletrônicos, usando partes de músicas como “*samples*” (*Loop* de um trecho de uma música já existente) para que o Mc<sup>5</sup> pudesse rimar

---

<sup>4</sup> DJ é a abreviação de *Disc Jockey*, que é o responsável pela administração do som, que coloca boas músicas para animar as pessoas que estão se divertindo no evento.

<sup>5</sup> MC é uma sigla vindo do inglês que significa “*Master of Ceremony*” que quer dizer Mestre de Cerimonia, é como foi batizado o cantor de Rap e de funk que sempre teve a função de reger a cerimônia para dar uma movimentação a ela.

em cima. Com o passar dos anos o Rap vai evoluindo sendo produzido em vários os países e muitas vezes ficando em primeiro lugar nas rádios.

Como Mc, *Beatmaker*<sup>6</sup>, Produtor musical... estou inserido<sup>7</sup> na cena de *Hip-Hop* goiana há cinco anos, produzindo Rap's, indo em Batalhas de Rimas, shows de Rap e etc. Participando ativamente do cenário de rap goiano, há algum tempo me pergunto, por que os *Rappers* goianos não estão viajando o mundo cantando como os *Rappers* de outros estados? Por que não existe uma grande visibilidade nos trabalhos dos goianos? Por que as minhas músicas e dos meus amigos não fazer sucesso? Tive pensamentos frustrados tais como: Somos tão bons, mas não somos vistos. Assim cresceu um enorme "por que" em meus pensamentos. Por que não valorizam nosso trabalho? Por que não escutam rap? Por que tentam acabar com nosso movimento que luta por melhores condições de vidas pra o povo periférico? Por esse motivo irei me aprofundar na história e explicitar a origem dos maiores problemas do Rap regional, trazendo explicações para os meus tantos "por que's".

Primeiramente temos que mostrar o terreno onde iremos aprofundar nossos estudos históricos, explicitaremos Goiânia e Aparecida de Goiânia por ser o local onde eu vivi e vivo o cenário do Rap, mas não é apenas essas cidades que enfrentam estes mesmos problemas.

Situados, nós iremos entender como foi a construção da cultura Hip-Hop no estado, a chegada desta nova cultura com o *Break*<sup>8</sup> nos bailes como: Rock in Rua, que abriu espaço para o Rap que chega timidamente nos palcos, mostramos também o grande valor que o *Break* tem na sociedade, que é ainda maior que o Rap.

Logo após apontamos a força conservadora da região das cidades Aparecida de Goiânia e Goiânia. Ela tem grande influência no problema de

---

<sup>6</sup> *Beatmaker* é como é chamado o produtor das batidas (instrumentais) que os cantores rimam encima.

<sup>7</sup> Todas as frases em primeira pessoa do singular referem-se a especificamente a um dos autores deste trabalho - Thiago Campos Borges que, além de graduado em História, também é *rapper*.

<sup>8</sup> *Break* é uma dança originária da cultura Hip-Hop que se criou nas ruas através das mesclagens de vários estilos de dança e movimentos acrobáticos, e hoje existem vários campeonatos decidido da mesma forma que as batalhas de Rimas, com o grito da plateia e para o melhor grupo, ou dançarino.

invisibilidade do Rap, pelo fato de ter uma identidade contraposta a identidade do Hip-Hop, enquanto algumas das vertentes do Rap luta por uma ideologia progressista e revolucionária como o: Gangstar Rap<sup>9</sup>, o Boom-bap<sup>10</sup> e etc. Os conservadores estão contra este movimento assim barrando a forma de expressão da cultura, que então entra em um embate de identidades.

Uma batalha física e ideológica dos conservadores regionais – identidade que se originou pela presença de coronéis na República Velha e que se modificou com o tempo, mas que continua presente na sociedade contemporânea, com resquícios do conservadorismo da época – contra o movimento Hip-Hop, assim gerando uma grande violência sem explicação, que tem o intuito apenas de barrar o movimento, destruindo um alicerce construído pela cultura. Tendências que se ampliou ainda mais quando um líder conservador entrou no poder.

Ficou claro também, como a comercialização do Rap está acontecendo, se o mundo digital beneficiou ou prejudicou a sobrevivência do artista regional, debatemos também qual o melhor modo de ser visto no cenário atual de Rap.

## 1. As periferias do sertão

O tema desta pesquisa é a invisibilidade das culturas urbanas praticadas nas regiões metropolitanas de Goiânia e de Aparecida de Goiânia. O objeto de estudo que particularmente será destacado dentro do balaio das artes urbanas será o Rap, que é uma das pilasstras que sustentam a estrutura do movimento Hip-Hop. Dentro desta temática a pesquisa aborda o cenário histórico destas cidades com a seguinte problemática: o que do passado veio como forma de tradição rural que interfere na expansão da identidade urbana goiana e, conseqüentemente, também no Rap para todo o território nacional? Como ponto de partida, vamos analisar a história dessas duas cidades, Goiânia e sua vizinha Aparecida de Goiânia.

---

<sup>9</sup> Vertente do Rap que tem o propósito de trazer um som mais chocante com letras críticas e um estilo gangster dos guetos dos EUA.

<sup>10</sup> Vertente do Rap que tem como propósito trazer *beats* com uma pegada mais tradicional do Rap, que vem com rimas bem elaboradas com várias técnicas de escrita, e fazendo críticas a sociedade.

Como parte importante da história das cidades temos que entender como era a política local. Antes de 1930, quando a revolução progressista chamada “Revolução de 30” atingiu a região do estado de Goiás, o governo era dirigido de forma diferente, ainda se tinha a chamada República Velha que dava o aval do direito de governo às oligarquias, ou seja, os coronéis dominavam com o poder executivo em suas mãos. Esse recorte fará mais sentido quando irei falar sobre conservadorismo cultural, adiante, mas é importante destacar desde já. O modelo adotado na República Velha (1889-1930) foi a política dos governadores [...] Dela resultaram o predomínio do poder executivo (nas esferas federal, estadual e municipal) e a consolidação do poder das oligarquias. (FAYAD, 2006, p.51)

Nesta República Velha os coronéis que governavam repudiavam qualquer atitude oposicionista que comprometesse o seu lugar no poder executivo (PALACÍN, 2008). Desta forma os vários foram barrados pelos coronéis com uso da força policial. Existiam grupos de oposição em pequenas cidades de Goiás como Rio verde que estavam seguindo com a ideologia do progresso, que através da ciência traria um lugar mais salubre para a construção de uma possível cidade bem organizada. Desta forma Pedro Ludovico e outras personalidades em pequenos municípios como Inhumas, Rio Verde e Anápolis começam a se formar, para tentar movimentar uma revolução.

As eleições, totalmente controladas pelo governo (O que tirava toda esperança de derrubá-lo por meios legais), e a ação da polícia militar, tornando a vida difícil para os oposicionistas mais recalcitrantes, completam a explicação da inexistência de uma oposição consistente em Goiás. (PALACÍN, 2008, p.151,152.)

Esta citação de Palacín é muito importante não só para que possamos entender a força da polícia e do governo contra a oposição que estava atrás de mudanças progressistas no estado. Mas principalmente para entendermos posteriormente que esta força conservadora irá continuar a ser a mesma nos tempos mais modernos de Goiás.

Continuando a linha de raciocínio, Goiânia estava pronta para existir e trazer um desenvolvimento regional para Goiás. Fazendo uma ilustração imaginária do cenário, não tínhamos uma cidade grande, apenas municípios e pequenas cidades com base demográfica e sociocultural assentada no campo.

A própria classe média estava atrás de algo maior e mais moderno que desse um propósito para as pessoas virem para Goiás.

Segundo Palacín (2008), quando a revolução se expandiu no Brasil inteiro, veio uma coluna procedente de Paracatu comandada pelo coronel Quintino Vargas e juntamente a ele veio o médico mineiro Carlos Pinheiro Chagas, que tomou o poder dos antigos coronéis.

Como nos outros estados, a revolução colocou em Goiás um governo provisório composto de três membros; entre eles estava o Dr. Pedro Ludovico que, três semanas depois, foi nomeado interventor. Começava, assim, o longo período de 15 anos em que, de forma constitucional ou extraconstitucional, Pedro Ludovico governaria pessoalmente Goiás. (PALACÍN, 2008, p.152,153.)

Com Pedro Ludovico Teixeira no poder, chegou a hora de progredir para uma nova capital de Goiás. Assim então, entre 1932 a 1942, Goiânia foi tomando forma, e se constituindo como uma nova capital aos poucos. Claro que houve seus altos e baixos na política para que Goiânia se transformasse em uma capital. Pois os revolucionários não tinham um alto capital inicial, mas tinham um sonho de levantar essa proposta, com a qual vinham com vários problemas por ser um território afastado, com poucos recursos e sem uma infraestrutura industrial. (PALACÍN, 2008)

Após sua criação, Goiânia foi só se expandindo, se tornando cada vez maior pela migração de pessoas de diversas outras regiões do Brasil para a capital. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)<sup>11</sup>, em 1989, Goiânia tinha cerca de 1.038.187 de habitantes, em 2000 subiu para 1.073.490, em 2011 o número aumentou para 1.318.149 e para 2019 a estimativa já era de 1.516.113. Não iremos aprofundar na história desta cidade, mas com os dados percebemos que ela foi de forma crescente se expandindo cada dia mais.

Goiânia tem uma irmã mais velha que também se expandiu bastante nos últimos anos. Isso graças à popularidade da capital goiana: “percebe-se que o crescimento da vila Aparecida está diretamente ligado ao plano de desenvolvimento urbano de Goiânia” (SILVA, 2017, p.28).

---

<sup>11</sup> Estimativa da população. IBGE: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?edicao=17283&t=downloads> Acesso em: 29/10/2020

A formação da cidade de Aparecida de Goiânia tem início em 11 de maio de 1922, quando da doação de terras para a formação do patrimônio de Nossa Senhora Aparecida, onde se formou o lugarejo que foi batizado com o nome da santa, homenagem que se justifica pelo fato de ser ela a padroeira da localidade. (SILVA, 2017, p.26)

Antes mesmo de Goiânia ter nascido nos deparamos com esse vilarejo criado distante de tudo, que mal sabia que tomaria proporções enormes. Aparecida fazia parte do distrito de Hidrolândia que depois se tornaria parte de Goiânia. Mas posteriormente, em 1948, Hidrolândia conseguiu a emancipação política, enquanto Aparecida continuou sendo território de Goiânia esperando por sua autonomia. (SILVA 2017)

As regiões entre Aparecida e Goiânia começam a ser movimentadas por loteamentos inaugurados no ano de 1950, criando então várias cidades satélites. Desta forma estes pequenos bairros começaram a ser habitados, por outro lado o centro de Aparecida foi sendo usado como dormitórios para as pessoas que iam trabalhar na capital Goiânia.

No entanto, a partir de 1950, vários parcelamentos – loteamentos – foram aprovados constituindo-se em espécies de cidades satélites [...] a economia do município concentra - se na indústria de transformação e na prestação de serviços, cerca de 70%, sendo a extração mineral e a pecuária correspondente aos outros 30% da economia aparecidense. [...] Isso rendeu ao município o epíteto de “cidade dormitório” durante grande parte de sua história, visto que seu mercado de trabalho não absorvia a grande quantidade de trabalhadores que habitavam em seu território. (SILVA, 2017, p.27, 29)

É importante ressaltar que Aparecida de Goiânia se desenvolveu como periferia, por ser o local onde se conseguia loteamentos mais baratos. Desta forma as pessoas que prestavam serviço em Goiânia eram, em grande parte, habitantes da cidade vizinha. “O resultado dessa transferência foi o aumento da urbanização periférica, especialmente em Aparecida de Goiânia, (...) já no início da década de 1960” (SILVA, 2017, p.28).

Um dos primeiros prefeitos e escritor do livro “Aparecida de Goiânia do zero ao infinito”, Freud de Melo resalta que Aparecida em toda sua história não teve só esse nome que conhecemos. A cidade já foi chamada em 1959 de Vila Aparecida de Goiás quando virou distrito, também de Goialândia que não foi bem

aceita, e depois o nome foi novamente modificado para Aparecida só que para Aparecida de Goiânia. (Melo 2002)

Aparecida de Goiânia em 1989 tinha a estimativa populacional segundo o IBGE de 91.693, já em 2000 esses números aumentaram para 343.145, em 2011 a estimativa apontou 465.093 e por último em 2019 tivemos uma estimativa populacional de cerca de 578.179.

Sabemos então como foram criadas essas cidades. Se Goiânia traz a ideia de capital moderna de Goiás, Aparecida foi por um tempo o “alojamento” dos prestadores de serviços. Com recurso à analogia por metáfora, podemos dizer que Aparecida de Goiânia, para a classe social hegemônica, é o quarto em que o empregado dorme, bem distante dos cômodos principais da casa. Não é à toa que a cidade ganhou o título de cidade mais violenta de Goiás: segundo o “Atlas da Violência – Retrato dos Municípios Brasileiros 2019”, Aparecida carrega uma taxa estimada de homicídios de 60,4, com 326 homicídios registrados. Não quer dizer que Goiânia também não seja perigosa, mas a partir da breve história apresentada quero deixar claro que a cidade periférica de Aparecida de Goiânia se tornou um sinônimo de lugar violento, por razões outras que não serão exploradas aqui.

## 2. “Tenha fé porque até no lixão nasce flor”

É a partir deste mundo violento que este tipo de arte se aflora, o movimento Hip-Hop transforma em arte geralmente o que vê nas ruas violentas das cidades. Ndee Naldinho explica em “A Voz da Periferia” do disco “Nunca é Tarde Para Viver” o que é o Rap, dizendo:

Ele não conta a história bonita que ouve por ai/Ele troca uma ideia através da música/Ele denuncia a injustiça que o meu povo vive/Ele conta a vida do crime, ele fala da violência/Ele acredita em Deus!/Ele não faz apologia ao caminho errado não/Ele simplesmente diz a verdade/E conta o que vive todos nós da periferia/Ele é odiado por aqueles que não gostam de ouvir a verdade/A elite odeia, as vaca faz cara feia/Ele luta pra que o povo daqui tenha uma vida melhor/Dos boy ele não tem dó/A televisão ignora o que ele fala, não quer nem ver sua cara/Mas ele é admirado e respeitado/Ele é ideia quente do malandro de atitude/Ele é a voz do gueto dos moleque, das mina, do povo da periferia/O som da favela dos louco dos preto/Ele é a nossa música, o nome dele é Rap. (Ndee Naldinho. 2003)



O Rap é o poema que passa uma mensagem crítica para a ‘quebrada’<sup>12</sup>. Mostrando a eles que a violência é um caminho errado, e ampliando os horizontes críticos do indivíduo que o consome. É também, a História com H maiúsculo e minúsculo, que além de analisar o passado, refletir sobre o presente e mudar o futuro, é uma fonte histórica autêntica. O Rap é arte, História, Geografia, Sociologia... o Rap é todas as disciplinas escolares, e tem o mesmo propósito que elas. E os Mc’s (Mestre de Cerimonias) ou *Rappers* fazem o mesmo papel que o professor. O *Rapper* Guilherme Eurípedes (2019) em sua música “Sutileza” fala que “somos pensadores sem curso”. Refletimos sobre tudo a partir do aprendizado que recebemos escutando Rap, e produzimos obras também acerca do que aprendemos com o Rap.

Tenho que deixar bem claro que o Rap é uma cultura negra e que tem como principal enfoque o povo negro, o corpo negro, a pele preta. O Hip-Hop é a voz para pessoas com pele preta se expressar.

Desde o processo iniciado pela escravidão africana o corpo negro sofreu a repressão física, uma das formas de submetê-lo ao mundo erguido e dominado pela cultura cristã européia. Transformado em mercadoria. De mercadoria em força de trabalho e renda fixa no sistema escravista mercantil, os africanos tiveram seu corpo como o alvo inicial da dominação. Foi necessária a construção de um universo simbólico que legitimasse as “formas de repressão”, por seu turno a “resistência” foi o principal contraponto. (GARCIA, 2007, p. 57)

O Rap é um dos lugares onde as pessoas de pele preta expressam seus sentimentos em forma de arte, a resistência, a identidade, o empoderamento, a história. Tenho que deixar claro que sou branco e faço Rap, sou aceito no movimento por que minhas condições de vida e minha vivencia na rua, foi lutando com o povo preto, jamais me sentirei preto por ser do Hip-Hop, sei onde é o meu lugar.

O rap é preto eu sei meu mero lugar/Já que eu sou branco me deixa no banco, espero pra jogar/Mas se me botar em campo eu não passo em branco altero o placar/O time dos bico desbanco e viro titular/Não quero me gabar, mas sou o branco mais faixa preta (FÁBIO BRAZZA. 2017)

---

<sup>12</sup> Quebrada é a uma gíria que quer dizer sobre uma parte de uma região periférica.

No Centro oeste o Hip-Hop nasceu no contexto das periferias das grandes cidades, a exemplo do que ocorre em “AP-GO”<sup>13</sup> (Aparecida de Goiânia). A primeira manifestação desta cultura urbana foi na forma de dança em 1984 com o *Break*.

Após alcançar as grandes metrópoles brasileiras, o hip-hop chegou rapidamente a Goiânia, ainda na primeira metade da década de 1980. Segundo relatos dos entrevistados, assim como ocorreu em São Paulo, o primeiro elemento do hip-hop com o qual os jovens tiveram contato foi o *break*, aproximadamente no ano 1984. (MAGALHÃES, 2015, p.86)

O *Rapper* Bigode, ex. integrante do grupo de Rap “Realidade Carcerária”, conta sua trajetória, no Rap goiano, em um vídeo no Youtube<sup>14</sup> disponibilizado pelo canal Bang Monstro.

Eu entrei no Rap mano em 1989, época do calçadão, eu morava lá no Jardim das Esmeralda, Goiânia, sempre foi Goiânia, GO na fita [...] calçadão da Clark, dava nos domingos a galera ia se reunir lá pra dançar um *Break*, tá ligado?, reverenciar nossa cultura, tá ligado? vários caras de várias quebradas: Setor Pedro, Vila Santa Helena, Jardim Novo Mundo. Várias gang de *break*, *Eletrobreak*, *streetdance*, cães de rua, galera do Fim Social também descia: Nego Alcione. E a gente passava umas tardes de domingo mó agradável (BIGODE R.A.P. 2017)

A chegada do Hip-Hop em forma de dança foi bem acolhida por parte da população. Eles se sentiam confortáveis naquele estilo, passos nunca vistos antes, estilos de roupas novos e Rap’s do momento representando a cultura negra. Percebemos que era tudo muito novo, fora do padrão de uma cidade sertaneja e, como é de se esperar, a polícia chega pra tentar acabar com o movimento.

Os encontros despreziosos na Praça Cívica e no calçadão da Avenida Anhanguera fizeram parte da primeira fase do movimento hip-hop de Goiânia, marcada por grandes barreiras, como a intervenção da polícia, que, sem compreender a nova manifestação cultural, muitas vezes ia averiguar o que estava acontecendo e realizava uma abordagem grosseira. (MAGALHÃES, 2015, p.87)

---

<sup>13</sup> Sigla que o Rap goiano faz para se referir a Aparecida de Goiânia.

<sup>14</sup> Vídeo do Youtube, no Canal Bang Monstro: <https://www.youtube.com/watch?v=E3OObHW2I50&t=180s> Acesso em: 09/11/2020

A interferência da polícia nos eventos do movimento Hip-Hop é um fato inegável da sua história de resistência na capital e região metropolitana. Tratarei esta temática mais em específico posteriormente quando iremos analisar o confronto das duas identidades, a conservadora sertaneja e a identidade revolucionária do Hip-Hop.

A história não acaba por aí. Foram vários os eventos que vieram depois, tais como: o Rock in Rua organizado também por DJ Fox, e outros mais organizados nos ginásios, bares e etc. Esses lugares foram os primeiros a tocar Rap nacional. O Rock in Rua já chegou a comportar aproximadamente 2.000 pessoas para que possamos entender a dimensão desses eventos. O que queremos dizer enfatizando os bailes, é que eles foram os lugares que cederam os espaços para que os Mc's mostrassem suas rimas. Assim o Rap goiano foi começando a ganhar forma e força. (MAGALHÃES, 2015)

[...] Em mais ou menos em 90, começou a surgir uma galera cantando um Rap tá ligado? tendeu? em Goiânia Paulinho Mola, Selvage do Eletro-rock, galera lá de Aparecida: Conexão Suburbana, na época com a antiga formação: Uzi, Pit, Wallace. Os moleque era monstro, tendeu? pra min foi um dos primeiro grupo que frito em Goiânia[...] (BIGODE R.A.P. 2017)

Magalhães (2015) nos diz que no Centro Cultural Martin Cererê foram realizados muitos eventos relacionados ao Hip-Hop em 1990 a 1995 acontecia sempre nos domingos. Assim concentrava-se um grande público neste local diante de todos os pilares do Hip-Hop: O *Break*, o Rap, o Grafite e os DJ's. Com um lugar específico para a apresentação das rimas, os Mc's se sentiam mais confortáveis para poderem se apresentar.

Os *Rappers* foram expandindo sua música com intuito de chegar além dos ouvidos dos mais próximos. Então apareceu um projeto intitulado "A União Faz o Disco", em que cerca de doze grupos de Rap da cidade uniram-se com o intuito de produzir uma tiragem de mil vinis (contendo uma faixa de cada grupo), porém o projeto não foi concluído por "falta de verba." (MAGALHÃES, 2015).

A partir desse período vários outros estabelecimentos começaram a abrir para abrigar o Rap. "No final da década de 1990, inicia-se uma nova fase do Rap em Goiânia, a partir da transferência dos encontros do Martin Cererê para a Casa de Dança Cantoria." (MAGALHÃES, 2015, p.93)

Foi se passando o tempo e o Rap começou a se organizar, os grupos começaram a fazer álbuns, apresentações e etc.

Ainda no ano de 1999 o grupo Testemunha Ocular lança seu próprio CD (fora do formato de coletânea), abrindo os caminhos e inspirando outros grupos a fazerem o mesmo. A partir dos anos 2000, muitos grupos de rap de Goiânia e de Aparecida de Goiânia já conseguiam gravar seus próprios CD's de forma independente. (MAGALHÃES, 2015, p.94).

Da mesma forma não podemos esquecer de quem viveu o Hip-Hop dos anos 2000 em diante. Conversei com o *Rapper* Boneco, um dos integrantes de um dos mais 'hypados'<sup>15</sup> grupos de Rap da região: Atentado Napalm. Ele aborda o assunto ao discorrer sobre sua trajetória no Hip-Hop, primeiramente com o *Break*, e depois de algum tempo como Mc.

[...] Eu comecei a colar nos eventos de Rap por volta de 2002, 2003, nessa época eu tinha entre 14 a 15 anos de idade. [...] os primeiros que eu vi mesmo assim acontecendo foi uns eventos de *Break* que acontecia lá no centro em Goiânia, na avenida Goiás com a avenida Anhanguera, nesse cruzamento chamava praça do Bandeirantes, e aí a galera se reunia lá para dançar *Break*, esticava uma lona, colocava um som, era um evento que se eu não me engano era idealizado pelo Black, que é um mano aí da cultura, antigo também, que tinha até um grupo de rap que se chamava Sociedade Black, lá tinha diversos artistas da época, diversas *Crews* e a que eu me lembro agora é a *Mega Break Crew*, que foi um grande representante aí da cena goiana junto com o Cães de Rua, entre outros (Boneco, em entrevista gravada no dia 14 de setembro de 2020)

Neste momento, você deve estar se perguntando por que um trabalho voltado a tratar em específico sobre o Rap está enfatizando o *Break*? Por ser outro pilar do Hip-Hop, é de grandíssima importância mostrarmos a proporção do *Break* goiano; por isso, conversei com o *B Boy*, DJ, produtor, *Beatmaker*, Mc, mestre Cerimonia de batalha, Organizador de Evento, como: *True Flow*, encontro de *B Boys*, Batalha do Santa, Batalha do Afrochines, entre outras, Tubarão. Uma das figuras mais importantes da contemporaneidade do Rap goiano, pela prestatividade e representatividade no Rap regional.

---

<sup>15</sup> Hypado significa ter muita fama, algo que está tendo uma fama repentina, que está em seu auge.

Tubarão (2020) fala sobre sua vivência em meados de 2008 a 2010 quando começou a fazer parte do grupo *Mega Break Crew*. A partir daí houve vários altos e baixos até que o grupo conseguiu ganhar o campeonato brasileiro e ir disputar o campeonato mundial, na França. Mas, o que mais chamou atenção na entrevista com Tubarão, e Guilherme Eurípedes – *Rapper*, compositor de várias músicas eternizada no Rap regional – foi a maior valorização econômica que os eventos de *Break* têm na cena regional comparando com o Rap.

Guilherme Eurípedes: - Mano a gente ganha uma batalha por dia e não ganha nada, e nós nem conhece os cara, os cara ganha três mil num campeonato, mil e duzentos em outro, três mil no outro e vai pra França no final.

- Novas, o campeonato que eu fiz em 2018 deu doze mil reais de premiação, 'bota fé?' doze mil 'conto'

- O evento deu três mil só pro cara do Powermove (uma modalidade do *Break*)

- Só um, pá um cara, então, quando eu cheguei na rima mano, foi isso ai mesmo o bak que eu tive [...] E outra coisa [...] foi quando eu ganhei, eu ganhei e o cara me deu uma folha, por que no primeiro no Fricção (Evento destinado a cultura HIP-HOP) eu ganhei um quadro do Vante (Um Grafiteiro Tattoador, *Rapper* e Rimador regional) grafitado, ai eu falei, não, pode crê a cena do role aqui é doida, e quando eu fui no UFCentro eu ganhei uma folha, ai eu falei uai cadê o troféu, porque no *Break*, mano, você não sai sem nada, ou cê sai com dinheiro ou c sai com troféu.

- Os cara faz vaquinha mano, com o governo, o carai a quatro porque não pode sair de mão abanando.

- É, não existe isso não.

- Eu já ganhei batalha (batalha de mc's) no show do Felipe RET, deu trinta mil pessoa, do Haikaiss e do Ventania, quinze mil pessoa por que não tinha chegado todo mundo, por que deu cinquenta, e cê não ganhava nada.

- Entendeu? então tipo assim mano, muito diferente. (Tubarão; Guilherme Eurípedes, em entrevista gravada no dia 8 de outubro de 2020)

A valorização do Rap regional é muito menor do que a do *Break*. O Rap é um elemento do Hip-Hop que também merece espaço e reconhecimento, a falta de investimento no Rap regional também é um dos motivos que faz ele não se expandir em território regional e nacional. Uma música completa para um *Rapper* pode sair em torno de 1700 reais com uma capitação boa e um vídeo clip também de boa qualidade. E certamente um cidadão que mora na periferia de Aparecida de Goiânia e Goiânia vai ter outros comprometimentos para com esse dinheiro. Diante disso, a premiação para o melhor Mc da batalha de rima seria, além de um prêmio de reconhecimento, um investimento na carreira, talvez o capital inicial para que o Mc expanda sua arte para todo o país. Por outro lado, a título de comparação, o investimento público na música sertaneja da cidade é

gigantescamente maior: o evento Pecuária de Aparecida de Goiânia e o de Goiânia fazem contratações milionárias de cantores. Pelo fato da pandemia ocorrida neste ano de 2020 ter interrompido todos os eventos musicais em Goiás, as Pecuárias de 2020 não aconteceram, mas as atrações principais eram: Maiara e Maraisa, Zé Neto e Cristiano, Wesley Safadão, Marília Mendonça, Jorge e Mateus e Henrique e Juliano.<sup>16</sup> Um blog da internet chamado “O Povo Online” divulgou o cache de alguns desses artistas do mais caro até o menos caro essa ordem ficou: Wesley Safadão com R\$ 600 mil, Jorge e Mateus com R\$ 500 mil, Henrique e Juliano com R\$ 340 mil e Marília Mendonça com R\$ 300 mil.<sup>17</sup>

O investimento no Rap mal dá para realizar um evento e tampouco pagar um cachê digno para o *Rapper*. Fazendo uma comparação de caches o mais famoso grupo de *Trap*<sup>18</sup> do estado de São Paulo, Recayd MOB ganha cerca de R\$ 20 mil por show<sup>19</sup>, é gigantesca a diferença que um artista que agrada as massas ganha em relação a um artista de um gênero diferente. O lazer e entretenimento investido pelo poder público está destinado primeiramente ao público da cultura de massas; quando muito, as minorias que vivenciam, produzem e consomem formas de arte alternativas sempre ficam com o que resta.

### 3. Conservadores: a herança coronelista inimiga do diferente

É importantíssimo destacar aqui os conceitos de coronelismo e conservadorismo pois têm uma imensa importância nesta pesquisa. Chaul posiciona o coronel como um homem conservador que pratica vários atos ilegais eticamente no seu mandato. “Dalísia analisa o contexto político que envolve o

---

<sup>16</sup> Banner da 75ª Exposição Agropecuária do Estado de Goiás:

[https://www.instagram.com/p/B9XfRJ\\_JuFZ/](https://www.instagram.com/p/B9XfRJ_JuFZ/)

<sup>17</sup> Caches dos cantores sertanejos, fonte:

[https://blogs.opovo.com.br/vaiforrozaio/2018/03/01/confira-os-dez-maiores-caches-de-artistas-do-](https://blogs.opovo.com.br/vaiforrozaio/2018/03/01/confira-os-dez-maiores-caches-de-artistas-do-brasil/#:~:text=Na%20sequ%C3%AAncia%2C%20Fernando%20e%20Sorocaba,o%20dobro%20do%20segundo%20colocado.)

[brasil/#:~:text=Na%20sequ%C3%AAncia%2C%20Fernando%20e%20Sorocaba,o%20dobro%20do%20segundo%20colocado.](https://blogs.opovo.com.br/vaiforrozaio/2018/03/01/confira-os-dez-maiores-caches-de-artistas-do-brasil/#:~:text=Na%20sequ%C3%AAncia%2C%20Fernando%20e%20Sorocaba,o%20dobro%20do%20segundo%20colocado.)

<sup>18</sup> Trap é uma vertente do Rap que tem um ritmo dançante que é tocado geralmente em festas e boates.

<sup>19</sup> Fonte (Cache Recayd MOB): <https://portalrapmais.com/klyn-revela-quanto-custa-o-cache-da-recayd-mob/>

coronel Abilio Wolney e suas práticas de mandonismo, passando pela questão da posse da terra, do voto, da corrupção, da política dos governadores e da violência.” (CHAUL, 1998, p. 12)

Segundo Palacín (2008), Goiânia é fruto de uma briga entre conservadores e progressistas, que sonhavam com a utopia de uma grande cidade no território goiano. A maior dificuldade desses progressistas, em ter efetuada essa cidade, era então os coronéis conservadores, que estavam contra qualquer modelo político que abalasse a estrutura oligárquica da região. Se compreende na citação abaixo que a figura do coronel exerceu impacto na cidadania tornando então uma sociedade herdeira destas características coronelísticas de mandonismo e autoritarismo.

A figura do mandonismo toma palco central na discussão política e das instâncias de poder no país. Tal categoria, segundo José Murilo de Carvalho (1997, 2) “refere-se à existência local de estruturas oligárquicas e personalizadas de poder.” Remete, portanto, a formas tradicionais de dominação, exercidas através de um chefe, ou grupo no poder, e se mantem de forma presente, no imaginário e na política institucional, e por isso, exerce impacto na composição da cidadania brasileira em termos práticos. É objeto para a análise das formas de comportamento das elites e da população em geral, em termos históricos, e é fundamental o exame da historicidade da fundamentação das bases deste pensamento e comportamento político. Como forma de organização do recorte, as análises vão contemplar as primeiras décadas da experiência republicana no Brasil. (CAZETTA 2016)

A prova de que os goianos usufruem desta identidade coronelista está na política. O atual governador do estado de Goiás faz parte de uma das famílias que regia a oligarquia na República Velha, a família Caiado. Da mesma forma que um coronel, hoje o governador tem quase todos os mesmos privilégios decorrentes da força. “O fato de possuir homens armados, prontos a executar suas ordens, dissipava qualquer ameaça. Os confrontos geralmente se davam entre os coronéis e seus opositores”. (CHAUL, 1998, p. 87)

Percebe-se que os coronéis são poderosos, e através desse empoderamento torna-o uma figura que através da violência impõe respeito. Contudo toda uma população aprende que pra se impor respeito é preciso usar a violência, o famoso ditado: “Só aprende na base da porrada”: Infelizmente a identidade do goiano tem seus fundamentos nesse acesso a um discurso de ódio e violento e como se dizia Paulo Freire em Pedagogia do oprimido. “Quando a

educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor”. Podemos entender o modo de pensar deste sujeito sertanejo analisando as letras de uma música sertaneja, que retrata a forma como o sertanejo “raiz” age diante a certas situações.

Tudo que dá na TV minha muié qué fazê/Não mede as consequências/Fez um tar de topless/Quando vi me deu um stress/Perdi minha paciência/Por mim faltar o respeito/Na muié eu dei um jeito/Corretivo do meu modo/No quarto deixei trancada/Quinze dia aprisionada/E com ela não incomodo[...]/Fim de semana passado/Conheci o namorado da minha filha caçula/Achei que não deu pareia/Tava de brinco na orelha/E o corpo cheio de figura/Não suportei muito tempo/Nesse relacionamento eu tive que opinar/Sujeitinho era roqueiro/Não dá certo com violeiro/Nos num ia combinar[...]/Sistema que fui criado/Ver dois homem abraçado/Pra mim era confusão/Mulher com mulher beijando/Dois homens se acariciando/Meu Deus, que decepção/Mas nesse mundo moderno/Não tem errado e nem certo/Achar ruim é preconceito/Mas não fujo à minha essência/Pra mim isso é indecência/Ninguém vai mudar meu jeito/Aqui não/Posso até não ser simpático/Comigo não tem desculpa/Minha criação é chucra/A verdade ninguém furta/Sou bruto, rústico e sistemático.(João Carreiro & Capataz. 2009).

Os cantores sertanejos João Carreiro & Capataz são do estado do Mato Grosso, o estado vizinho de Goiás, que também foi controlado pelos coronéis até 1930 antes da criação do Estado Novo. Contudo o coronel era uma representação da grande parte dos cidadãos de Goiás, e a maioria dos goianos entendem essa figura como algo para se espelhar. Mas temos que saber separar quem faz música “caipira” de quem faz música sertaneja, sendo ambas quase iguais, distintas pelas temáticas dos assuntos e pelos instrumentais, enquanto a música “caipira” usa apenas violas, a música sertaneja usa vários instrumentos como guitarra, bateria, instrumentos de sopro e etc. A música “caipira” fala sobre a vida simples no campo retratando a realidade de viver na fazenda, já a sertaneja fala sobre a ostentação de um fazendeiro entre outros temas. Em geral sobre temas fomentados pela indústria musical.

O estilo “country” seria o ponto culminante da transformação ocorrida na “música caipira” através de sua “apropriação” pela indústria cultural. Segundo Walter de Sousa, a indústria fonográfica e as rádios perceberam que a introdução de guitarras e teclados transformavam o estilo em algo “muito popular”, explorado com mais intensidade a partir da década de 1980. Momento que, segundo o autor, coincide com a “ascensão da classe média” como consumidora do estilo já transformado. “A dupla que fez essa transição de forma mais marcante



foi Chitãozinho e Xororó”, que inaugurou a virada estilo “caipira” para o “sertanejo”, representando a urbanização do “caipira”. Em lugar da simplicidade e da vida no campo, ele hoje anda de “picape, participa de rodeio, usa chapéu de caubói”. Para Walter de Souza a “indústria cultural transformou o discurso, o ritmo e tudo o mais, criando um estilo romântico” restando do estilo “caipira” apenas o canto formado por duas vozes. Em Goiás irão desponta nos fins dos anos 1980 as duplas sertanejas Cristian e Ralf, Leandro e Leonardo e Zezé Di Camargo e Luciano, entre outras. (GARCIA, 2007, p. 143)

Assim então, temos uma identidade descendente das atitudes coronelistas e uma indústria por traz da música sertaneja, que trouxe para os palcos novamente os costumes dos antigos coronéis, e de forma representativa o artista repassa esse antigo costume ao ouvinte, esse *habitus* é cultivado pelos cidadãos goianos. Desta forma a instituição policial da cidade de Goiânia e sua região metropolitana trouxe para si esta identidade por desde sempre proteger o coronel, suas propriedades e seus aliados. A minoria é vista com preconceito por não partilhar dos mesmos ideais desta maioria conservadora. Assim explica Poutignat e Streiff-Fenart: “Vários autores estabelecem uma distinção entre grupos étnicos e minorias, sendo as primeiras comunidades que se reconhecem e são definidas pelo preconceito e discriminação exercidos pelo grupo dominante”. (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998, p. 143)

Conforme o tempo histórico passa a identidade vai se transformando. Segundo Hall (2006), a identidade vai se moldando com o tempo, começamos com um sujeito do iluminismo que é um sujeito centrado, dotado da razão, que não se encontra no erro mesmo estando errado. Essa concepção com o tempo se molda para o sujeito sociológico que é o sujeito que aprende e ensina, que partilha de sua identidade com outras identidades, que desenvolve gostos pelo novo e está aberto para outras identidades. Todavia temos a concepção pós-moderna que é uma identidade efêmera que está sempre em ameaça por outra que irá a surgir, pelo fato de tudo estar conectado pela globalização. “Como ele se tornou ‘centrado’, nos discursos e práticas que moldaram as sociedades modernas; como adquiriu uma definição mais sociológica ou interativa e como ele está sendo ‘descentrado’ na modernidade tardia.” (HALL, 2006, p. 23)

Dentro destas definições encaramos aqueles que estão no centro do poder político, tais como: delegado, governador, vereador, senador e etc. Como homens centrados de uma só razão que resolvem tudo a base da violência, que

são promovidos e mantidos pela violência, sujeitos do Iluminismo. Nesta mesma análise os indivíduos pós-modernos e sociológico são os indivíduos que aceitam as novas identidades vindas de outras regiões como é o caso do Hip-hop entre outros movimentos que trazem uma grande identidade consigo.

Bourdieu (1989) fala sobre dois conceitos que são extremamente importantes para entender este cenário conservador, o “*habitus*” e o “poder simbólico”. O *habitus* é então o que faz toda a estrutura ser reproduzida, a educação que recebemos no percurso de nossas vidas que nos torna os indivíduos que somos hoje, a influência da música sertaneja e a postura do público no cotidiano transforma o indivíduo a uma identidade centrada (como um sujeito do Iluminismo, como explica Stuart Hall). E o poder simbólico é o que faz o indivíduo pensar que seguindo aquilo que seus ídolos sertanejos, policiais, políticos e etc. fazem ele conseguir ascender socialmente e ter uma vida mais confortável. Desta forma, o *habitus* e o poder simbólico transformam o indivíduo em apenas uma engrenagem da máquina de reprodução social.

Conheceremos agora qual a identidade que mais luta contra essa identidade conservadora, e não só ideologicamente, a identidade que está na rua batalhando contra a opressão social dos grupos dominantes de Goiânia e Aparecida de Goiânia, o Hip-Hop.

#### 4. **Dê voadora na guardinha e ajude os ambulantes, o que vocês querem ver? - Sangue!**<sup>20</sup>

Em contraponto com a ideologia conservadora se tem o Rap, um movimento que está sempre na rua lutando a favor da minoria, dando voz a ela. A maior manifestação cultural do Rap nas ruas são as Batalhas de Rimas, que consiste em um confronto de ataque e resposta de dois Mc’s cantando em cima de uma base com versos de improviso; o vencedor é decidido pelo barulho da plateia, o que receber mais aplausos é o vencedor.

Essa prática começou a tomar proporção em Goiânia a partir de 2016 quando as batalhas de rimas do estado do Rio de Janeiro e do Distrito Federal tomou proporção.

---

<sup>20</sup> Grito que o Mestre de Cerimonia faz antes do confronto de Mc’s começar, que tem o intuito de animar a plateia.

Por que aponto o problema da invisibilidade do Rap goiano na identidade conservadora da população? Brasília é uma cidade que está bem próxima de Goiânia, se localiza no Distrito Federal dentro de território goiano, e é mais nova que Goiânia, tem quase a mesma quantidade de habitantes que Aparecia de Goiânia e Goiânia juntas e, no entanto, tem um cenário de Hip-Hop mais conhecido nacionalmente. A provável resposta é que Brasília foi criada para se tornar a sede do governo brasileiro, acabou sendo fonte de emprego nas obras de construção e, com isso, atraiu vários outros trabalhadores vindos principalmente do sudeste do Brasil. Brasília então se torna uma cidade com vários paulistas e cariocas, que perderam esse superconservadoríssimo visto em Goiás por conta do tempo vivido nas cidades litorâneas do Sudeste que contém mais de 400 anos de urbanização.

Mesmo diante disso a cena goiana é muito rica, porém tem crescimento limitado por devido à falta de investimento de instituições governamentais ou empresas patrocinadoras. Assim o trabalho autônomo dos participantes do movimento é o que faz tudo acontecer. Numa entrevista para o canal Rap GO, o *Rapper* Guilherme Eurípedes disse sobre a crescente cena do Rap regional em 2019.

[...]Então véi eu tô vendo nascer uma coisa muito boa quando eu comecei eu ia em batalha, mas as batalha antigamente era só nos evento, tinha só evento final de semana, c lembra? e as batalha era só nos evento. Ai, tinha show pra caralho e tal, saca? Era aquela pegada, mas hoje em dia parece que tá nascendo uma coisa muito forte, cê tá entendendo? Tem gente que marca o show ali, os bixo: - Carai vai ter show de tal pessoa e tal pessoa, vai ter a batalha e tananan e tananan. - Aquele comboio mano, antigamente era territorial ou a batalha mais famosa lotava de gente, hoje em dia tá todo mundo no pick véi,[...] todo dia mano, segunda tem o Santa Luzia, Terça-feira tem a Norocity e a Cívica de sangue, Quarta-feira tem o UFCentro e tem o Triunfo lá em Goianira, Quinta feira tem o Afrochines e tem o conhecimento no Centro que é a batalha da essência Louquíssima batalha de conhecimento necessariosíssimo, os menino do DF mesmo fala: Nó, nós tem que fazer uma batalha aqui uai, acho que os mlk do entorno tá querendo fazer uma, por que é importantesíssimo, nós sempre lembra isso pra eles, aliás nos nasceu do fresstyle foi do TPP, cê é doido! O TPP foi nossa escola mano, saca? Era uma batalha de conhecimento que o Wilto teve a ideia junto com um monte de mulher de fazer o bagui no terminal nós fez a primeira, véi foi um dos dia mais importante pra nós todo mundo que tava ali viu o que aconteceu sabia que tinha nascido alguma coisa[...] (Guilherme Eurípedes, 2019, em entrevista gravada no canal RapGO).

Ambas as identidades não se misturam, o conservador repudia as algumas vertentes do Rap como o Boom-bap e o Gangsta Rap porque traz

reinvidicação e progresso. E ambas essas vertentes do rap são contra todo tipo de ideologia vinda deste grupo, sendo assim o confronto na rua é muito grande. O Rap se organiza em lugares públicos para dar voz ao povo periférico que quer expor suas ideias e participar do movimento, e as instituições que participam desta ideologia conservadora tenta acabar com este movimento de qualquer forma.

A instituição que mais promove este tipo de opressão ao movimento é a instituição policial a serviço do Estado, que como vimos tem essa identidade conservadora em si. Alguns entrevistados nos explicaram como é a ação da polícia diante das batalhas. Um deles é o Boneco, que nos fala sobre um evento que foi feito para celebrar a volta de um cantor de Rap que tinha saído da cadeia por motivos não evidenciados, mas que foi assassinado no caminho de sua apresentação e, por esse motivo, a polícia entrevistou no movimento suspeitando que os assassinos estavam no evento.

[...]eles chegaram assim com rigidez mesmo, na gente, porém não feriram a gente saca? mas com agressão verbal, sempre humilhante a postura dos caras mediante ao que a gente estava fazendo, sacou? eu lembro muito bem de uma coisa nesse momento, que tinha um maluco que tava com a camiseta do Racionais MCs e tava escrito na camiseta "bandido do céu" tá ligado? e os cara fez ele tirar a camiseta rasgar a camiseta. E era sempre esse tipo de coisa tá ligado? eles confrontavam diretamente seu psicológico. Como eu disse a maior parte dos eventos que eu fui que teve abordagem policial não rolou violência física, só rolou violência psicológica que é essa fita que eu tô te falando, os cara entra na sua mente eles te desmerece, te humilha, você é um vagabundo, safado, tá ligado? um à toa que não trabalha, um maconheiros, drogado, esse tipo de coisa tá ligado? vai te desmerecendo até o final. Te dão um tapa aqui, e um chute ali, um murro no saco, tá ligado? uma revista sempre muito dura mesmo[...]  
(Boneco, em entrevista gravada no dia 14 de novembro de 2020)

Além do depoimento do Boneco, o organizador da batalha UFCentro, Levy, nos contou um relato de que policiais proibiram o movimento das batalhas com agressão física, retirando todos do local.

Mas mano isso tudo começou, essa opressão policial, a partir do momento que o Bolsonaro chegou no poder saca? Por que teve um incentivo, foi em 2018 que o Bolsonaro entrou na política? Então foi a partir de 2018 que começou a ter esses negócios entendeu? Teve um dia que eu não me lembro se foi no UFCentro ou na Batalha Do Maranhás, só sei que a gente chegou lá, beleza, como toda sexta, como toda quarta, ai a gente viu que começou a circular algumas viaturas, pô isso é normal, beleza, só que eles parou e falou:  
- Uai o que vocês tão fazendo?

- Não, a gente tá fazendo uma batalha, disso, disso e disso, em um lugar público e pá.
  - Não, é um seguinte, vocês não podem fazer batalha aqui no centro, não pode mais.
  - Não, mas, a gente faz assim com mó cautela, a gente faz só até certo horário, de certo horário até certo horário a gente abaixa o volume entendeu? Então tipo assim, tem todo um controle, tem toda uma organização desta batalha aqui, não é uma coisa jogada.
  - Não, não é pra ter, e é isso, se vocês não saírem daqui um tempo, a gente vai chegar e tirar vocês.
  - Não mais pera aí cara, a gente não tá fazendo nada de errado aqui, entendeu?
  - Não, não é pra fazer e pronto
  - Não, então tá bom né.
- Todo mundo tava com muita raiva disso, todo mundo tava revoltado com isso, a gente falou: não, a gente vai ficar aqui e ponto final, tá ligado? A gente não é resistência? Então a gente vai ficar aqui e resistir[...] ai do nada começou a chegar viatura, ai eles disseram que ia tirar nós se a gente não sair, e mesmo a gente não fazendo nada, eles chegaram lá com todas as viaturas e começou a ir pra cima da gente e com cacete e tudo fi. (Levy, em entrevista gravada no dia 15 de novembro de 2020)

Ficou claro como a polícia acaba com o movimento, simplesmente, por não querer um movimento que dá voz a minoria, um movimento que ensina que a ideologia seguida pelo Estado e por estas instituições são ideologias falhas e desumanas. Um ponto que chamou muita atenção no depoimento de Levy foi quando ele disse que a partir do momento que o atual presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, entrou no poder, a opressão policial aumentou. Isso comprova como uma figura conservadora, que demonstra atitudes similares a de um coronel da República Velha, estimula instituições conservadoras para a censura daqueles que criticam este modelo de governo.

Para esse público conservador o Rap é desinteressante, a maioria da população goiana não liga para o que o povo quer reivindicar nas letras das músicas. Eles querem alimentar apenas uma indústria musical carente de poesia, assim o Rap se torna invisível e sem reconhecimento na sociedade, gerando um grande problema, a capitalização do Rap como mercadoria. Como nossos Mc's podem ganhar dinheiro com música?

**5. “Vitrines são miragens distante do importante, a arte tá na parte mais descartada da estante.”**

O mercado da música passou por transformações tecnológicas ao longo do tempo. Antes as músicas eram vendidas em vinis, que depois passaram a ser fitas e por fim Cd's. Quando o mundo digital começou a surgir as músicas começaram a ser comercializada em plataformas digitais, que funcionam da seguinte maneira: O artista envia sua música para uma empresa que tem o papel de distribuir para todas as outras plataformas, ou você paga pelo serviço ou então eles cobram uma porcentagem da renda da sua música. Assim o artista consegue então administrar suas vendas *online* pela agência que faz a corretagem da música. O lado bom disso é que o artista pode atingir um amplo público de qualquer parte do planeta que tenha o aplicativo qual a música foi distribuída. A renda que o artista recebe vem de quantas pessoas escutam sua música os chamados *streaming*, ou seja, a quantidade de reproduções da música. O entrevistado Chinv, um *Rapper* que vive em Jundiaí, nos conta sobre sua visão acerca da modernização da forma de vender música.

Na visão comercial facilitou bastante coisa, as plataformas digitais hoje pra mim é uma boa fonte de renda e acho que é um meio mais fácil do seu som chegar nas pessoas e ser visto, mas em contrapartida tem que ter muito cuidado com isso porque apesar da internet facilitar eu acredito que o trampo na rua ainda tem que ser feito hoje, de outra forma que antes, mas ainda é o principal. E a facilidade da internet também traz muito mais abertura pra críticas e muito mais pessoas fazendo música também, então exige que tenhamos esse cuidado com o conteúdo e seja mais seletivo também. isso foi um pouco do que quis passar no *Rap Art Online* (Chinv, em entrevista gravada no dia 20 de setembro de 2020)

Os novos Rap's são muito mais prático de ser criado, muito mais fácil de chegar aos ouvidos de quem está longe. Comparando com os artistas antigos que precisavam de um capital inicial considerável para poder pagar um estúdio musical para que então fizessem uma música, os *Rappers* de hoje fazem tudo isso sem sair do próprio quarto. Isso que outro dos entrevistados me enfatizou, o Produtor do selo *Sound Food Gang*, Adalberto, diz um pouco do que acha dos Mcs novos.

[...] Eu acho os moleques super heróis, parça, verdade os moleques consegue... tá ligado? Quem dera eu se na minha época eu com 18 eu conseguia fazer uma música dentro do meu computador dentro do meu quarto, fazer uma conta no Spotify, criar uma conta digital do Nubank, e ter dinheiro, Tá ligado? Isso não é... mano pra nego pobre... cê é

louco meu parceiro, então eu acho essa molecada hoje ai mano...[...]  
(Adalberto em entrevista gravada no dia 22 de setembro de 2020)

Podemos entender então como a forma de produzir Rap evoluiu através da tecnologia, dando muita oportunidade a diversas vozes da periferia. Portanto ficou muito mais fácil a produção do conteúdo, trazendo uma grande quantidade de artistas. Mas como Chinv disse na citação acima, é necessário passar por uma seleção para que eu, artista, seja mais valorizado, porque dentro de tantas músicas que se tornam mais do mesmo, quem se destaca é sempre quem vem com mais originalidade, qualidade e identidade.

Jundiaí, por ser um município relativamente afastado de São Paulo capital, tem também um público conservador que não consome muito o Rap. Adalberto nos diz como é a relação dos habitantes da cidade com o selo musical *Sound Food Gang* do qual ele faz parte:

Hoje as pessoa escuta, mas bem pouco. A gente tem bastante relevância fora daqui e em São Paulo, e Jundiaí mano é... tem muito esse bagui também, não é só com a Sound Food, tá ligado? As pessoas que trabalham com arte aqui na quebrada, elas passam... que é tipo c morar no limbo, é bem isso, é que tipo assim ó, Jundiaí nem é capital São Paulo e nem é interior, ai qual que é a fita, é parça o bagui é louco, por que tipo assim, se você tem na sua cabeça que você é do interior você vai pra capital, parça, mas se você tem a visão que você é da capital, tá ligado, é mano o bagui é louco, parça, ai tipo o pessoal de Jundiaí, a gente tem um público [...] Parça, as vezes os cara prefere ir pra sampa, até pra gente fazer uns evento. Aqui tem umas 1000 pessoas que escuta a Sound Food Gang ? tem. Mas é puco véi, Jundiaí tem 400 e poucas mil pessoa. (Adalberto em entrevista gravada no dia 22 de setembro de 2020)

Fazendo uma comparação com Goiânia e Aparecida de Goiânia, temos aproximadamente duas milhões de pessoas juntando as duas cidades, mas são poucas as pessoas que escutam o Rap regional. Para que os artistas goianos consigam chegar a outras cidades com sua música teriam que estar fazendo esse intermediário de estar nos eixos musicais que são Rio de Janeiro e São Paulo, que é onde existe uma maior indústria para o gênero Rap. Exemplo é o selo de Jundiaí: por estar sempre indo para São Paulo capital, o grupo passou a ser visto pelo público. E essa visibilidade é essencial para que o artista possa ter possibilidades de tocar em eventos, participar de outras atividades que daria um retorno de visibilidade, para o artista que ganha retorno financeiro por conta da visibilidade em suas músicas nas plataformas de *streamings*.

[...]Se tem uma coisa que a gente fala, mano, é que a gente é privilegiado de tá perto de Sampa, poderia ser mais longe, tá ligado? Hoje graças a Deus a gente tem uma estrutura, eu tenho carro o outro ali também, então tipo quando a gente vai em São Paulo, a gente vai de carro ou se não da pra gente ir de carro, a gente vai de buzão, mas no começo a gente canelava de tremzão, parça, duas horas pra ir, duas horas pra voltar, ia pra festa só com dinheiro de tomar água no banheiro, vários perreio, parça, e é aquilo o bagulho, você ser visto, tá ligado? [...] As vezes tinha umas festas lá na casa do caralho, a gente arrumava um jeito de ir, ai arrumava uns ingressos com os amigos, tá ligado? Parça, fazia a missão e ia, é isso daí mano, foi o que foi dando visibilidade e contato, por que as pessoas começam te vê e tipo... o Don Cesão é um cara que nós é grato pra caralho, ele é até motivo da gente ir atravessar pra São Paulo varias vezes, por que ele abriu as portas pra vários bagulhos[...] (Adalberto em entrevista gravada no dia 22 de setembro de 2020)

A presença de estar sempre sendo visto nos eventos, de participar, de estar no meio do eixo da indústria de Rap brasileira, é um dos fatores que ajuda a conquistar ouvintes para se ter *streaming*, e assim gerar o retorno financeiro. Para o entrevistado, o *Rapper* goiano Saw, esse também é um ponto fundamental para um artista conseguir viver de música.

Eu creio que devagar, mano, a gente tá pavimentando nosso rolê e individualmente também, cada um tá ganhando uma notoriedade, da sua forma saca? Com os apoios que tem, por que eu me apego muito nesse fato de que véi, de fato sozin nós não vira mas por hora nós tem que fazer com o que nós tem, tá ligado? [...] Eu só crio numa virada maior tendo uma galera indo pra outro estado porque por hora a gente não tem uma estrutura pra levantar artista. [...] a gente tem nomes que podem fazer isso, por hora a gente tem muito artista fodido! (Saw em entrevista gravada no dia 17 de setembro de 2020)

O fato de termos grandes artistas é inegável como: Guilherme Euripedis, Saw, VH O Escrivão, Atentado Napalm, PKN, WTT, Relatos da Leste, Família Pobre Loko, SKG, Blxxds entre vários outros. Mas os obstáculos com qual esses goianos têm que ultrapassar são bem maiores. O Rap está resistindo, mas crescendo timidamente no cenário das artes urbanas de Aparecida de Goiânia e Goiânia.



## Conclusão

Esta pesquisa consistiu em analisar o fator condicionante da invisibilidade do Rap goiano. Nessa perspectiva fui aprofundando nos problemas visíveis que o Rap enfrenta no seu cotidiano, e através da história consegui compreender como foi criado esse ambiente regional, e os obstáculos que a cultura da região causou para o desenvolvimento da arte urbana.

Ambas as cidades, Aparecida de Goiânia e Goiânia foram se expandindo, Aparecida de Goiânia sempre permanecendo como uma cidade dormitório que acolhia os trabalhadores que não tinham condições de morar na capital.

Com grandes índices de mortalidade dentro da periferia fez-se entender que a violência é algo cultural da região, algo que sempre existiu e que veio de todos os lados, tanto dos líderes quanto das instituições. Uma violência que hoje é presente por ser hereditária, herdada dos coronéis que a promoviam com ideologias patriarcais, mandonistas e conservadoras. Essa violência oprime o Rap, força-o a não acontecer, por motivos antigos, que antes eram contrapostos a um grupo político, conhecidos como: Progressistas.

A censura da expressão dos mais pobres, a opressão policial, o mandonismo, a própria violência física, verbal e psicológica, não acabou juntamente com a República Velha, ela sobreviveu longe dos holofotes, longe das câmeras. E através da eleição de um presidente ex-militar e conservador em 2018, essa opressão se sentiu confortável em surgir novamente e tentar destruir um pensamento anti-conservador que o Hip-Hop e outros movimentos estavam construindo.

A partir deste momento vários dos entrevistados relatam uma grande opressão contra o movimento Hip-Hop, opressões que acabaram com várias batalhas de rimas, fragilizando ainda mais o cenário do Rap em ambas as cidades.

Diante disto, a questão é que Goiânia é conservadora demais para apoiar um cenário artístico periférico. Geralmente todo evento criado pelo Hip-Hop é feito independentemente, são raros os recursos vindos do governo. Percebo que

os eventos de *Break* já são mais desenvolvidos que os de Rap, nas questões de premiação e de organização. O *Break* goiano já chegou a disputar campeonato brasileiro e também campeonato mundial. Os eventos de Rap de Goiânia e Aparecida de Goiânia pouco saiu de dentro do Centro-Oeste, foram raras as vezes que o Mc de Goiás foi participar de uma batalha ou tocar em algum evento fora de Goiás.

Mas para nós *Rappers* podermos mostrar para o país inteiro o nosso talento, temos que trilhar os mesmos caminhos que as ferrovias criadas no século XX que conectavam São Paulo com Goiás. Temos que ser vistos pela grande massa ouvinte de Rap. A internet traz um grande alcance do Rap regional para todo planeta, mas a efemeridade da modernidade transforma uma grande obra em apenas mais uma obra publicada nas redes, a facilidade de produção de conteúdo digital, substituiu o trabalho do produtor profissional, e dando a legitimidade de um artista independente produzir um trabalho bem executado até dentro do seu próprio quarto, por isso um trabalho totalmente digital se torna irrelevante em meio ao gigantesco cardápio que a internet proporciona ao público.

O Sudeste é a região mais desenvolvida urbanamente do país. Essa região é uma grande consumidora de Rap, sendo a cidade de São Paulo a pioneira a produzir este tipo de gênero musical e uma das maiores consumidoras. Assim muitos artistas regionais foram para a cidade em busca de melhores condições de viver com a arte, o grupo “Atentado Napalm” conseguiu ter grande reconhecimento através dessa migração para a região sudoeste.

Assim também é com a “*Sound Food Gang*”, que além de ter um grande reconhecimento pela internet, é também muito agradecida por ser um selo que se localiza próximo a São Paulo capital. Afirmam que participar dos eventos, e ser visto por toda a massa consumidora da musicalidade, é uma das melhores formas de ser reconhecido no cenário nacional.

Em poucas palavras o cenário do Rap goiano precisa expandir seu contato ao público se dirigindo as metrópoles da região sudoeste, precisa se organizar e investir em si mesmo. A identidade conservadora, continuará não aceitando os diálogos progressistas do Rap, e resistirá a suas ameaças, o Rap também

resistirá a ação dos conservadores. O cenário crescendo ou não o Rap sempre será a voz da periferia, que educará vários jovens condenados as terríveis garras da sociedade.

### Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Lisboa: DIFEL, Difusão Editorial LTDA, 1989.

CAZETTA, Felipe. **Breve análise da historicidade do conservadorismo brasileiro: exames sobre os primeiros anos do século XX e os primeiros anos do século XXI**. professorescontraoesp 2016.

CERQUEIRA, Daniel. SERGIO, Renato de Lima, BUENO, Samira, PALMIERI, Paloma Alves, REIS Milena, CYPRIANO, Otavio, ARMSTRONG, Karolina. **Atlas Da Violência – Retratos Dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro, IPEA 2019.

MAGALHÃES, Maria C. P. F.. **HIBRIDAÇÕES LOCAIS E PROCESSOS IDENTITÁRIOS: O RAP EM GOIÂNIA E APARECIDA DE GOIÂNIA**. Goiânia Biblioteca Eletrônica UFG, 2015.

CHAUL, Nasr. **Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias**. Goiânia: UFG 1998.

GARCIA, Allysson F. **Lutas por reconhecimento e ampliação da esfera pública negra: cultura hip-hop em Goiânia – 1983-2006**. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia (Dissertação de mestrado em História), 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MELO, Freud de. **Aparecida de Goiânia: do zero ao infinito**. Ed. Asa. Goiânia, 2002.

PALACÍN, Luis. **História De Goiás (1722-1972)**. Goiânia: Editora Vieira e UCG 2008.

POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo UNESP, 1998.

SILVA, Genivaldo Santos. **Aparecida de Goiânia 1963-2010: a consolidação de uma cidade de fronteira**. Goiania UFG 2017.

### Entrevistas

Adalberto. Depoimento [22 de setembro de 2020]. Entrevistador: Thiago Campos Borges: WhatsApp, Arquivo .mp3 (42 min) pesquisa concedida para pesquisa sobre a invisibilidade do Rap Goiano.

Boneco. Depoimento [14 de setembro de 2020]. Entrevistador: Thiago Campos Borges: WhatsApp, Arquivo .mp3 (23 min) pesquisa concedida para pesquisa sobre a invisibilidade do Rap Goiano.

Tubarão e Guilherme Eurípedis. Depoimento [8 de outubro de 2020]. Entrevistador: Thiago Campos Borges: WhatsApp, Arquivo .mp3 (35 min) pesquisa concedida para pesquisa sobre a invisibilidade do Rap Goiano.

Saw. Depoimento [17 de setembro de 2020]. Entrevistador: Thiago Campos Borges: WhatsApp, Arquivo .mp3 (2 hrs) pesquisa concedida para pesquisa sobre a invisibilidade do Rap Goiano.

Levy. Depoimento [15 de novembro de 2020]. Entrevistador: Thiago Campos Borges: WhatsApp, Arquivo .mp3 (28 min) pesquisa concedida para pesquisa sobre a invisibilidade do Rap Goiano.

## Vídeos

"(BIGODE {R. A. P}) FALANDO SOBRE SUA HISTORIA NO RAP GOIANO""". bang monstro. Youtube. 24/04/2017. 23min46s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E3OObHW2I50&t=178s> Acesso em: 28/10/2020.

Chinv. Depoimento [22 de setembro de 2020]. Entrevistador: Thiago Campos Borges: WhatsApp, Arquivo .mp3 (26 min) pesquisa concedida para pesquisa sobre a invisibilidade do Rap Goiano.

Ndee Naldinho. A voz da periferia. In.: NDEE NALDINHO. **Nunca É Tarde Para Viver**. Baguá Records. 2003. 9° CD. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aq4dImMKRxM>: 06/10/2020.

Papo GO #1 – Criolin. Rap GO Oficial. **Youtube**. 21/05/2019. 25min36s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K9DE5TAhCol&t=588s> Acesso em: 28/10/2020.

Fábio Brazza e Rashid. **O Rap é Preto**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rTOBVh1v0dw> Acesso em: 16/11/2020.

Guilherme Eurípedes. **Sutileza**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i1P8iGMpXPo> Acesso em: 16:11:2020.

João Carreiro e Capataz. **Bruto Rustico e Sistemático**. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K7Fs418WqZA>. Acesso em: 15/10/2020.